

**CONHECIMENTOS ACERCA DE DST/AIDS E MÉTODOS
CONTRACEPTIVOS DOS DISCENTES DOS CURSOS TÉCNICOS
INTEGRADOS DO IF SUDESTE MG – CAMPUS JUIZ DE FORA,
BRASIL.**

*Knowledge of STD/AIDS and Contraceptive Methods in Students of
Integrated Technical Courses at the IF Sudeste MG – Campus Juiz de
Fora, Brazil*

Aimée Araújo Moreira Miranda¹, Carolina Gomes de Oliveira e Silva², Gabriel Motta Thimoteo³, Lara Fonseca Assis⁴, Alessandro Del’Duca⁵, Adriano Reder de Carvalho⁵, João Paulo Lima de Miranda⁶

Resumo: O presente trabalho teve o objetivo de conhecer o comportamento afetivo sexual e conhecimentos de métodos contraceptivos e das doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre os discentes do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora. A pesquisa teve abordagem quantitativa e caráter descritivo, realizada em junho de 2014, com todos os alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. Foi aplicado um questionário semiestruturado, composto por questões que versavam sobre conhecimentos e práticas relacionadas ao exercício da sexualidade. O universo amostral foi representado por 436 estudantes, 58,9% do sexo masculino e 41,1% do sexo feminino, média de 16 anos de idade, a idade média e mediana da primeira relação sexual foi 15 anos. Grande maioria dos discentes sexualmente ativos afirmou utilizar métodos seguros. Em relação à prática de sexo não seguro e da não proteção contra a gravidez indesejada os principais motivos, em ambos os casos, foram: não gostar, confiança no parceiro e esquecimento. Os discentes afirmaram, entre os métodos contraceptivos, o não conhecimento de outros métodos além da camisinha e da pílula anticoncepcional e, em relação às DSTs, a grande maioria conhece outras DSTs que não a AIDS. Os resultados do presente trabalho apontam o desconhecimento dos discentes dos métodos contraceptivos e de

¹ Bolsista FAPEMIG, Curso Técnico em Metalurgia.

² Bolsista CNPq, Curso Técnico em Eletromecânica.

³ Bolsista FAPEMIG, Curso Técnico em Informática.

⁴ Bolsista CNPq, Curso Técnico em Edificações.

⁵ Núcleo de Biologia - IF Sudeste MG- Campus Juiz de Fora. alessandro.delduca@ifsudestemg.edu.br; adriano.carvalho@ifsudestemg.edu.br.

⁶ Núcleo de Geografia - IF Sudeste MG- Campus Juiz de Fora. joaopaulo.miranda@ifsudestemg.edu.br.

proteção, excetuando-se a camisinha masculina e as pílulas anticoncepcionais. Esse quadro, de desconhecimento, aponta para a necessidade de elaboração de políticas de educação em saúde por parte do governo e a adoção de programa de educação afetivo sexual por parte da instituição de ensino.

Palavras-chave: Sexualidade; Adolescência; Ensino Médio; Comportamento Afetivo Sexual, Sexo Seguro

***Abstract:** The aim of this study was to discover emotional sexual behavior and knowledge of contraceptive methods and sexually transmitted diseases (STDs) in students at the IF Sudeste MG –Juiz de Fora Campus. The approach used was quantitative and descriptive and was conducted in June 2014 with students on integrated technical courses linked to high school. A semi-structured questionnaire was used, containing questions on knowledge and practice related to sexuality. The universal sample was represented by 436 students, 58.9% male and 41.1% female, with a mean age of 16 and a mean and median age of 15 for first sexual relationship. The vast majority of the sexually active students stated that they took precautions. As for unsafe sex and not taking precautions against unwanted pregnancy, the main reasons for doing so, in both cases, were: dislike, trust in the partner and forgetfulness. The students stated that, of contraceptive methods, they were unaware of methods other than the condom or the contraceptive pill and, regarding STDs, the vast majority were aware of other STDs apart from AIDS. The results of this study show the students' lack of awareness of contraceptive methods apart from the male condom and the contraceptive pill. This lack of awareness indicates the need for the Government to create health care educational policies and for the institution to adopt sexual education programs.*

Keywords: Sexuality; Adolescence; High school; Affective/sex behavior, Safe Sex

INTRODUÇÃO

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Se, por um lado, sexo é

expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural (PCN, 2000). Assim, discutir sexualidade é um desafio que exige superar conceitos e estereótipos, lidar com tabus, medos, vergonhas e expor dúvidas e inquietações (KAMEL; PIMENTA, 2008; MAISTRO *et al.*, 2009).

A adolescência pode ser considerada é a etapa de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por intenso crescimento e desenvolvimento que se manifesta por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, que podem ter reflexos na sexualidade (BRETAS *et al.*, 2002). De acordo com OLIVEIRA *et al.* (2008), o exercício da sexualidade pelos jovens será influenciado por uma série de fatores, como a maturidade psicológica, desenvolvimento biológico, a cultura familiar, o grupo social e religioso. De alguma forma, os relacionamentos, o equilíbrio emocional e a manifestação de sentimentos do indivíduo dependem de uma evolução da sexualidade, durante as etapas da infância à adolescência (COSTA *et al.*, 2001).

A facilidade que os jovens e adolescentes possuem para ter acesso a informações acerca da sexualidade é imensa, pela televisão e, principalmente, pela popularização da internet, em computadores pessoais, tablets, celulares e outros aparelhos afins. Contudo, mesmo com esse bombardeio de informações, muitas vezes de qualidade duvidosa, não é raro que os nossos jovens permaneçam com muitas dúvidas e inquietações, principalmente por estarem justamente no momento de construção da sua sexualidade (JARDIM; BRETAS, 2006).

Estudos demonstram, quanto ao comportamento sexual dos adolescentes, que a maioria, mesmo conhecendo os métodos contraceptivos, inicia a vida sexual sem proteção e, no seguimento da atividade sexual, quase 30% não se protege, tanto na contracepção como contra as DST/AIDS (RIBEIRO, 1993; SOUZA, 2000).

Como decorrência dessa atitude, muitas vezes, irresponsável no exercício da sexualidade, alguns problemas têm se demonstrado mais frequentes, tais como gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a AIDS, nessa faixa etária (LOPES, 1993; OPAS, 1997; CERQUEIRA-SANTOS *et al.*, 2010, TAQUETTE, 2013).

Estima-se que, mundialmente, os jovens entre 15 a 24 anos são responsáveis pela maioria de novas infecções pelo HIV, sendo então mais vulneráveis às infecções. Esse fato pode ser explicado pela sensação de onipotência, falta de informações adequadas, incapacidade de transformarem o conhecimento em comportamentos seguros, confiança no parceiro, dentre outros (PAIVA *et al.*, 2008). No Brasil, o Ministério da Saúde, em 2010,

liberou o Boletim Epidemiológico – AIDS e DST, no qual atesta a notificação de 12.693 casos de AIDS, entre adolescentes de 13 a 19 anos, entre 1980 e 2010 (BRASIL, 2010).

Nas últimas décadas, a gestação na adolescência tem sido considerada um importante assunto de saúde pública, em virtude da prevalência com que esse fenômeno vem ocorrendo ao redor do mundo. No Brasil, dados do Ministério da Saúde mostram que a quantidade de partos em adolescentes de 10 a 19 anos caiu em 22,4% de 2005 a 2009. No entanto, cresceu a fecundidade entre as meninas 15 e 19 anos (BRASIL, 2010).

A gravidez precoce pode ser entendida como um problema de saúde pública devido ao impacto socioeconômico, aos possíveis riscos à saúde materno-infantil, abandono da vida escolar e, muitas vezes, da vida social, que pode ter consequências traumáticas no desenvolvimento do adolescente (SILVA; ARAUJO, 2010).

Dessa forma, o objetivo foi conhecer o comportamento afetivo sexual, conhecimentos de métodos contraceptivos e das doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre os discentes do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho é integrante do projeto “Sexualidade e Saúde no IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora: um estudo exploratório” e tratou-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa e caráter descritivo, realizada em junho de 2014, com todos os alunos regularmente matriculados nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora.

O estudo foi realizado com a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Federal de Educação do Sudeste de Minas Gerais, sob o nº 788.506, e aceite dos estudantes em participarem, voluntariamente, da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis, no caso de adolescentes menores de idade.

Na pesquisa, os discentes dos cursos técnicos em Mecânica, Eletromecânica, Eletrotécnica, Informática, Edificações e Metalurgia responderam um questionário semiestruturado e anônimo, composto por 33 perguntas, que objetivaram conhecer o perfil socioeconômico, os conhecimentos prévios sobre o comportamento afetivo sexual, dos métodos contraceptivos e das doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre os discentes do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora.

RESULTADOS

O universo amostral foi representado por 436 estudantes, 257 do sexo masculino (58,9%) e 179 do sexo feminino (41,1%). A idade dos entrevistados variou de 14 a 19 anos, com média e mediana de 16 anos de idade, não havendo diferença significativa entre os sexos. A faixa etária compreendida entre os 15 e 17 anos foi a que apresentou o maior número de discentes, 87,8% de todos os participantes do estudo.

Sobre a questão da virgindade e do comportamento afetivo sexual, foi verificado que 71,7% dos discentes ainda não tiveram experiências sexuais, por outro lado, 22,2% afirmaram já terem vivido experiências sexuais, percentuais semelhantes encontrados quando os resultados foram confrontados pelo gênero. Ainda, a média de idade da primeira relação sexual foi de 15 anos, com amplitude de 13 a 18 anos, tanto para os meninos quanto para as meninas. Considerando o intervalo entre 14 e 16 anos, foi verificado que 78,9% dos entrevistados tiveram sua primeira experiência sexual nesse intervalo de tempo das suas vidas.

Com relação à utilização de métodos seguros para se evitar a gravidez indesejada e as doenças sexualmente transmissíveis, 86,2% dos discentes sexualmente ativos afirmaram utilizar métodos seguros sempre ou frequentemente, enquanto 6,4% responderam que nunca ou raramente fazem sexo seguro. Quando questionados porque optaram por sexo sem proteção em relação à gravidez indesejada, 31,3% afirmaram que não gostam do uso do preservativo, 18,8% responderam que não se protegem pela confiança que depositam no parceiro e 12,5% indicaram o esquecimento como principal motivo de manter relação sem proteção. Esse padrão de comportamento é mantido entre os meninos; já entre as meninas, a confiança no parceiro foi o maior motivo para realizarem sexo sem proteção (37,5%), seguido por não gostar de usar, ou que o parceiro use preservativo (12,5%), pelo esquecimento (12,5%).

Por outro lado, quando a parcela do universo amostral, sexualmente ativa, foi questionada do por que da não proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (DST), a confiança no parceiro foi apontado como o principal motivo (36,1%), seguido por não gostar de usar preservativo (25,0%) e do esquecimento (11,1%). Entre as meninas, a confiança no parceiro para o não uso de proteção contra as DSTs chegou a 55,6%.

Analisando os conhecimentos dos discentes de métodos seguros para se evitar a gravidez indesejada, 52,1% dos entrevistados afirmaram desconhecer outro método, que não a camisinha e o uso da pílula anticoncepcional, dentre outros existentes como DIU, tabelinha e coito interrompido.

Por outro lado, 79,4% dos discentes afirmaram ter conhecimento de outras doenças sexualmente transmissíveis além da AIDS, enquanto 17,8% dos alunos não tem conhecimento sobre outras DSTs.

DISCUSSÃO

Em relação à distribuição de gênero, podemos verificar que nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora há uma predominância do sexo masculino, ao contrário do que ocorre nas escolas públicas de ensino médio, objeto de estudos semelhantes, nas quais, as meninas representavam a maioria do universo amostral (GUIMARÃES *et al.*, 2003; MARTINS *et al.*, 2006; ROMERO *et al.*, 2007; COELHO *et al.*, 2011; VAL *et al.*, 2013). Esse fato pode estar relacionado ao fato dos cursos técnicos oferecidos pela instituição, principalmente Mecânica, Eletromecânica, Eletrotécnica, Edificações e Metalurgia, serem reconhecidos como áreas tradicionalmente masculinas. No entanto, tal situação vem se alterando nos últimos anos, com as mulheres se desenvolvendo em todas as áreas do conhecimento.

No presente estudo foi verificado elevado percentual dos discentes que ainda não iniciou a prática sexual, dados confirmados por pesquisas semelhantes realizadas em ambiente escolar (MARTINS *et al.*, 2006; PORTELA; ARAUJO, 2012). Esses dados reforçam a necessidade da escola, junto com a família, trabalharem no sentido de informar e formar os adolescentes para o exercício seguro, prazeroso da sexualidade em seu devido tempo. A escola deve ser um espaço privilegiado de trocas de conhecimentos, de experiências de vida e não deve ser em hipótese nenhuma, um espaço reprodutor de hostilidades e preconceitos (KAMEL; PIMENTA, 2006). Assim, a sexualidade é um tema de grande importância para ser abordado no ambiente escolar, que é rico em diversidade cultural e social, onde adolescentes encontram-se em construção de aprendizado, de culturas e valores (MAMPRIN, 2009).

Os estudos que apuraram a idade na qual ocorre a primeira relação sexual entre os adolescentes do Brasil, chegaram a uma amplitude entre 14 e 16 anos de idade (BERQUÓ, 2000; ABRAMOVAY *et al.*, 2004; BORGES; SCHOR, 2005; MARTINS *et al.*, 2006; CHALEM *et al.*, 2007; PAIVA *et al.*, 2008; HUGO *et al.*, 2011; PORTELA; ARAUJO, 2013), resultados semelhantes ao do presente estudo. A iniciação sexual de garotas e garotos em uma mesma idade é um fato interessante por ocorrer em uma cultura que tradicionalmente tem estimulado os jovens do sexo masculino a iniciarem suas práticas sexuais bem mais cedo do que o sexo feminino (BORGES; SCHOR, 2005). Assim, este fenômeno recentemente observado pode ser uma

evidência das transformações ocorridas no comportamento sexual da população brasileira, por conta da entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e sua crescente escolarização, do uso generalizado de métodos contraceptivos modernos, permitindo a desvinculação do ato sexual à reprodução e, principalmente no contexto da AIDS, no qual as questões em torno da sexualidade tornaram-se mais proeminentes no cenário público brasileiro (HEILBORN, 1999).

O conhecimento insatisfatório sobre métodos anticoncepcionais também foi verificado por GUIMARÃES *et al.* (2003), MARTINS *et al.* (2006) e PORTELA; ARAÚJO (2013), uma vez que a maioria afirmou desconhecer outros métodos exceto a pílula e a camisinha. PASCOTTO; SANT'ANA (1999) afirmaram ainda que a maior parte dos discentes não recebem informações sobre métodos anticoncepcionais nas escolas, assim como GUIMARÃES *et al.* (2003), Contudo, não podemos afirmar a partir do nosso estudo que todos os jovens estudados são despreparados em relação conhecimento de métodos contraceptivos. No caso das escolas, professores despreparados ou ainda a existência de um tabu podem explicar a ineficiência da escola ao tratar sobre o tema.

Contudo, MARTINS *et al.* (2006) verificaram que os alunos conheciam vários métodos contraceptivos, ao contrário do observado no presente estudo, uma vez que, a maior parte dos adolescentes do presente trabalho, reconhecem apenas a pílula e a camisinha, enquanto que outros métodos como DIU, coito interrompido, anel vaginal, foram esquecidos. GUIMARÃES *et al.* (2003) e PATIAS; DIAS (2014) também verificaram que a camisinha e a pílula foram os métodos mais conhecidos. Os autores verificaram que os demais métodos apresentaram baixo índice de informações entre os discentes, fato também observado no presente estudo, uma vez que 52,1% afirmaram desconhece-los.

No caso da camisinha masculina, GUIMARÃES *et al.* (2003) e MARTINS *et al.* (2006) apontaram para o fato de que o elevado conhecimento pode ser explicado pelas campanhas educativas na forma de prevenção de DST's. Entretanto, PASCOTTO; SANT'ANA (1999) indicaram que a maioria das discentes em seu estudo não reconheceram a camisinha como método que previne as DST's, apenas como medida contraceptiva.

É possível que o conhecimento entre os discentes sobre métodos contraceptivos seja ainda menor do que o avaliado, pois não foram realizados questionamentos mais aprofundados sobre utilização, fato também observado por MARTINS *et al.* (2006). Assim, podem perpetuar mitos e distorções e se colocar em risco de ter uma gravidez indesejada ou adquirir DSTs (MARTINS *et al.*, 2006, PORTELA; ARAÚJO 2013).

Quanto à frequência no uso dos métodos contraceptivos e de proteção no sexo seguro, chama atenção que 6,4% afirmaram que não utilizam preservativo ou o fazem raramente. PORTELA; ARAÚJO (2013) observaram índice mais elevado de discentes que não utilizam métodos contraceptivos em relação ao presente trabalho, mas sem variações significativas. COELHO *et al.* (2011) apontam que 41,8% relataram o uso de preservativo na primeira relação e somente 23% dos alunos afirmaram que se protegeram em todas as vezes em que tiveram relações sexuais.

Contudo, esses percentuais foram menores em relação ao encontrado por CAMARGO; BOTELHO (2007), que verificaram cerca de 20% de discentes que não utilizaram medidas contraceptivas nos últimos doze meses. Os autores afirmaram que a experiência sexual deve ter sido o fator responsável pelo aumento de risco, uma vez que apresentaram mais relações sexuais em relação aos discentes que praticaram sexo seguro. Esse resultado contrasta com o presente trabalho, cuja maioria não utiliza porque afirmou não apreciar.

Quando as adolescentes foram indagadas sobre o conhecimento a respeito das DST, a doença mais citada foi a AIDS, no entanto, as outras DSTs foram pouco referidas e são, na maioria das vezes, pouco conhecidas por parte dos adolescentes, como é o caso da sífilis, candidíase, do HPV e do cancro mole (ROMERO *et al.*, 2007). Esses resultados foram semelhantes àquele de CHICRAIA *et al.* (1997), mas contrastantes ao presente estudo, uma vez que 79,4% dos alunos afirmaram que conhecem outras DST's além da AIDS.

São várias as razões destes comportamentos sexuais desprotegidos dos adolescentes. Uma delas é a desinformação do seu próprio período fértil ou do uso correto de anticoncepcionais; ou simplesmente não acreditam na existência do risco de gravidez e DSTs desde a primeira relação sexual, considerando-se indestrutíveis e inatingíveis em seu pensamento mágico (ROMERO *et al.*, 2007).

CONCLUSÕES

Os resultados do presente trabalho apontam o desconhecimento dos discentes dos métodos contraceptivos e de proteção, excetuando-se a camisinha masculina e as pílulas anticoncepcionais. Esse quadro, de desconhecimento, em relação aos demais métodos contraceptivos e de proteção aponta para a necessidade de elaboração de políticas de educação em saúde por parte do governo e a adoção de programa de educação afetivo sexual por parte da instituição de ensino, com objetivo de se trabalhar sistematicamente na formação de jovens conscientes, não apenas dos métodos contraceptivos, mas também capazes do exercício seguro da sexualidade.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BERQUÓ, E.S. (ed.) **Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

BORGES, A.L.V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n.2, 499-507, 2005.

BRASIL. Boletim Epidemiológico - AIDS e DST. Ano VII nº 1. Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde – Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, Brasília (DF): 2010. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/publicacao/2010/boletim-epidemiologico-aids-2010>. Acesso em 30 jul. 2015.

BRÊTAS JRS.; RUA, D.V.; QUERINO, I.D.; CINTRA, C.C.; FERREIRA, D.; CORREA, D.S. Compreendendo o interesse de adolescentes do sexo masculino e feminino sobre corpo e sexualidade. **Temas Sobre Desenvolvimento**, v.11, n. 64, p. 20-29, 2002.

CAMARGO, B.V.; BOTELHO, L.J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo: v. 1, n. 1, p. 1-8, 2007.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; PALUDO, S.S.; SCHIRÒ, E.D.B.; KOLLER, S.H. Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 73-85, 2010.

CHALEM, E.; MITSUHIRO, S.S.; FERRI, C.P.; BARROS, M.C.M.; GUINSBURG, R.; LARANJEIRA, R. Gravidez na adolescência: perfil sociodemográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.23, n.1, p. 177-186, 2007.

CHICRAIA, M.A.; BARROS, C.R.P.; CROMACK, L.M.F.; MEIRELES, Z.V.; SILVA, M.R.N. Conhecimentos atitudes e práticas relacionadas à DST/AIDS: avaliação de

adolescentes atendidos em uma unidade de atenção primária. **DST – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Niterói: v. 9, n. 3, p. 10-15, 1997.

COELHO, M.T.A.D.; FRANCO, B.A.F.M.; CAMPOS, M.S.; SÁ, A.A.S.; BORGES, N.J.; SILVA, T.P. **Conhecimento de estudantes de ensino médio e universitários acerca da transmissão do HIV e uso de preservativos**. Salvador: 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5232/1/CONHECIMENTO%20DE%20ESTUDANTES%20DE%20ENSINO%20M%C3%89DIO%20E%20UNIVERSIT%C3%81RIO%20ACECA%20DA%20TRANSMISS%C3%83O%20DO%20HIV%20E%20USO%20DE%20PRESERVATIVOS.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2015.

COSTA, M.C.O.; LOPES, C.P.A.; SOUZA, R.P.; PATEL, B.N. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, n.2, S217-S224, 2001.

GUIMARÃES, A.M.A.N.; VIEIRA, M.J.; PALMEIRA, J.A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 3, p. 293-298, 2003.

HEILBORN, M.L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M.L. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 40-58, 1999.

HUGO, T.D.O.; MAIER, V.T.; JANSEN, K.; RODRIGUES, C.E.G.; CRUZEIRO, A.L.S.; ORES, L.C.; PINHEIRO, R.T.; SILVA, R.; SOUZA, L.D.M. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.27, n.11, p. 2207-2214, 2011.

JARDIM, D.; BRETAS, J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n. 2, p. 157-162, 2006.

KAMEL, L.; PIMENTA, C. **Diversidade sexual nas escolas**; o que os professores de educação precisam saber. Rio de Janeiro: Abia, 2008.

LOPES, G.P. **Sexualidade Humana**. 2ªed. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.p.364.

MAISTRO, V.I.A.; ARRUDA, S.M.; LORENCINI JÚNIOR, A. O papel do professor em um projeto de educação sexual. Florianópolis: 2009. Disponível em:< posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/955.pdf>. Acesso em 30 jul. 2015.

MAMPRIN, A.M.P. **A importância da educação sexual na escola para prevenção de conflitos gerados por questões de gênero**. Londrina: Secretaria Estadual de Educação do Paraná, 2009.

MARTINS, L.B.M.; COSTA-PAIVA, L.; OSIS, M.J.D.; SOUSA, M.H. PINTO NETO, A.M.; TADINI, V. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Revista Saúde Pública**, v.40, n.1, 57-64, 2006.

OLIVEIRA, D. M; JESUS, M.C.P.; MERIGHI, M.A.B. Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo. **Texto e Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v.17, n.3, p. 519 – 526, 2008.

OPAS – Organização Panamericana de Saúde. **Educación de La Sexualidad en el Contexto de la Salud Integral en la Adolescencia**. Washington: OPAS/OMS; 1997.

PAIVA, V.; CALAZANS, G.; VENTURI, G.; DIAS, R. Idade e uso do preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo: v. 42, Supl. 1, p. 45-53, 2008.

PASCOTTO, C.R.; SANT’ANA, D.M.G. Avaliação dos conhecimentos sobre métodos contraceptivos entre alunas do 1º e 3º anos do ensino médio do Colégio Estadual de Umuarana – Ensino Fundamental e Médio – Umuarana – PR. **Arquivo de Ciência da Saúdes Unipar**, Umuarana, v.3, n.2, p. 143-151, 1999.

PATIAS, N.D.; DIAS, A.C.G. Sexarca, informação e uso de métodos contraceptivos: comparação entre adolescentes. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v.19, n.1, p. 13-22, 2014.

PCN – **Parâmetros curriculares nacionais – Língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: MEC/DP&A, 2000.

PORTELA, N.L.C.; ARAÚJO, L.P. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. **Revista Univap**, São José dos Campos, v.19, n.33, p. 13-24, 2013.

RIBEIRO, M. **Educação sexual: novas ideias e novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

ROMERO, K.T.; MEDEIROS, E.H.G.R.; VITALLE, M.S.S.; WEHBA, J. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo: v. 53, n. 1, p. 14-19, 2007.

SILVA, L. F.; ARAÚJO, L. P. **Conhecimento e adesão de mães adolescentes acerca do planejamento familiar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem), Universidade Estadual do Maranhão, Caxias - MA, 2010.

SOUZA, R.P. Sexualidade - Riscos - Escola. In: MORAIS, C.A.; PASSOS, M.R.L; KALIL, R.S. **Sexualidade humana**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

TAQUETTE, S.R. Epidemia de HIV/Aids em adolescentes no Brasil e na França: semelhanças e diferenças. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.22 n.2, p.618-628, 2013.

VAL, L.F.; SILVA, J.A.S.; RINCÓN, L.A.; LIMA, R.H.A.; BARBOSA, R.L.; NICHATA, L.Y.I. Estudantes do ensino médio e o conhecimento sobre DST/AIDS: que mudou em dez anos? **Revista da Escola de Enfermagem**, São Paulo: v. 47, n. 3, p. 702-708, 2013.